

Pontuação: o que dizem as crianças na primeira série do Ensino Fundamental?

Maria da Conceição de Carvalho Rosa*

A partir da divulgação das descobertas de Ferreiro e Teberosky (1989) a respeito da psicogênese da língua escrita, iniciou-se uma ampla reflexão sobre a alfabetização e a elaboração de novas práticas pedagógicas na escola que considerassem o processo de construção da escrita dos alunos.

Nesse sentido, a importância da pontuação enquanto um aspecto não-alfabético da escrita, com o qual a criança se depara quando imersa na diversidade textual, torna-se relevante objeto de investigação. Entretanto, "nosso conhecimento atual das idéias infantis acerca dos sinais de pontuação é muito precário" (Ferreiro, 1996, p. 123).

Tradicionalmente a pontuação é ensinada através de frases, acreditando-se que a transposição para o texto acontece conseqüentemente. Ocorre que ensinar a pontuar frases fora de um contexto textual não é o mesmo que ensinar a pontuar textos. Mas, os alunos não esperam que os professores ensinem a pontuar para terem idéias a respeito desses sinais.

O que as crianças expostas a textos, que lêem e escrevem mesmo antes de lerem e escreverem convencionalmente, dizem sobre a pontuação?

Que prática pedagógica pode assegurar a escuta dos alunos e tornar suas idéias objetos de investigação da própria turma?

Este estudo buscou investigar, na primeira série do ensino fundamental, o que dizem as crianças a respeito da pontuação, quando participam de uma ação pedagógica imersa na diversidade textual, e que ações propostas pelo professor podem favorecer o avanço desse processo de aquisição.

* UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

O estudo foi desenvolvido em duas turmas de primeira série, durante dois anos consecutivos, pela professora das turmas, no Colégio de Aplicação da UERJ.

Serviram como fontes diários de classe, relatórios individuais dos alunos, relatórios de trabalho e textos produzidos pelas crianças.

Os alunos foram tratados como leitores e escritores desde quando ingressaram no colégio aos 6 anos, na classe de alfabetização. A língua escrita foi trabalhada através da diversidade textual em seu uso social. Eles participaram diariamente de rodas de leitura, freqüentaram a biblioteca, levaram livros para casa e escreveram textos de acordo com as suas hipóteses.

As duas turmas chegaram à primeira série escrevendo textos alfabéticos, mas omitindo ou fazendo pouco uso da pontuação.

A prática pedagógica buscava desafiar os alunos a investigarem e formularem idéias a respeito da pontuação de textos em diversas modalidades e de diferentes autores, assegurando que cada hipótese apresentada se tornasse objeto de investigação por todos. Também, procurava propiciar a experimentação e a discussão da pontuação em seus próprios textos.

As atividades estavam organizadas em diferentes propostas: analisar a pontuação utilizada por um escritor; pontuar textos; revisar o trabalho de um colega; explicar o que pensa sobre a função da pontuação e outras.

Constatou-se que todos os alunos possuem idéias sobre a pontuação, independente do uso ou da omissão que fazem dela em seus textos. Também, conhecem vários sinais mesmo desconhecendo a sua nomenclatura:

Profª: – *Que sinais de pontuação vocês conhecem?*

– Ponto.

– Vírgula.

– Dois pontinhos.

– O ponto com a vírgula embaixo.

– O da pergunta.

– De interrogação.

– Tem aquele três pontinhos.

[...]

– Um traço.

– Duas vírgulas. (aspas)

É importante observar que nas falas dos alunos aparecem explicações que caracterizam a pontuação como elemento organizador e facilitador para a compreensão do texto.

Profª: – *Para que serve a pontuação?*

– *Para organizar as palavras.*

– *Para separar as palavras quando vai acabar uma parte do texto.*

– *Ajudar a entender o texto, por exemplo: usar aspas quando a pessoa fala, você sabe melhor, com o sinal, quem está falando.*

– *Ler melhor. Tem que saber usar pra mandar uma carta ou escrever o livro porque tem gente que só entende com pontuação. A pontuação serve pra entender o texto.*

– *A pontuação aparece perto de algumas palavras e de outras não.*

– *Serve para entender o que tá escrevendo.*

– *Para não confundir o leitor.*

– *Serve pra organizar as idéias.*

– *A pontuação é tão importante que aparece até em livros de criança pequena pra ela entender.*

Expostos a textos, esses alunos formulam suas idéias independente do "controle" do professor e demonstram ver a pontuação em função do leitor. Não foi necessário esperar uma aula específica sobre pontuação para que observassem e pensassem sobre ela.

Entretanto, apenas a exposição aos textos não é suficiente para que os alunos aprendam. É necessário que o professor organize intervenções que favoreçam o processo de reflexão, e se o lugar natural da pontuação é o texto (Ferreiro, 1996, p. 125), o lugar natural do ensino da pontuação é o texto.

Durante a discussão da pontuação utilizada na história da Chapeuzinho Vermelho, numa versão editada pela Kuarup, Luíza apresenta uma ótima justificativa para o uso de uma exclamação na última pergunta feita por Chapeuzinho ao lobo:

"Vovozinha, por que essas orelhas tão grandes? [...] Vovozinha por que esses olhos tão grandes? [...] Vovozinha por que essas mãos tão grandes? [...] Mas, vovozinha, por que essa boca tão grande! [...]."

Luíza: — *A Chapeuzinho já tava achando a vovozinha tão diferente, tão estranha que ela nem perguntava mais. Ela tava tão apavorada quando perguntou da boca que o autor não quis botar a interrogação, botou exclamação pra quando você ler ter a idéia de que naquela hora ela já tava muito, muito, muito assustada mesmo. Então era muito mais forte o espanto do que a pergunta, por isso o autor escolheu a exclamação. A exclamação aqui ajuda a dar mais espanto quando a gente lê, se continuasse a interrogação não ia dar tanto.*

Luíza justifica a opção do autor em função da idéia, da sensação que quer causar no leitor.

Pontuar é um processo complexo e de difícil apropriação, já que permite inúmeras possibilidades. Para Dacanal (1987, p. 49): "O que se pode ou se deve ensinar é algo que faz parte, tecnicamente, de uma fase anterior – ou, no mínimo, paralela – à pontuação e da qual esta, no texto escrito, é um elemento decorrente e auxiliar: o pensar de forma ordenada e sistemática."

Luíza, assim como as outras crianças das duas turmas, demonstra saber que a pontuação ajuda o autor a organizar suas idéias.

Embora os alunos na primeira série ainda tenham muitas questões a resolver quanto à organização textual, não é preciso deixar para um plano posterior a reflexão sobre pontuação, pois se estão em permanente contato com a diversidade textual certamente formularão explicações para todas as marcas que aparecem nos textos.

Portanto, provocá-los a falarem o que pensam sobre a pontuação de diferentes textos, além de experimentarem em suas produções, permite ao professor compreender melhor o "como pensam" e, ao mesmo tempo, aos alunos compartilharem e modificarem suas idéias no processo de interação com seus pares.

Durante o ditado da fábula de Esopo: "O Mosquito e o Touro"...

- (1) Sempre ao ser ditado um ponto ou travessão as crianças falavam: – Letra maiúscula! Até que surgiu o seguinte trecho:
- (2) – *Para falar a verdade – respondeu o touro – eu nem notei a sua presença.*
- (3) Após ditar a palavra *verdade* e pedir que colocassem travessão todas as crianças novamente disseram: – Letra maiúscula.
- (4) Falei que não, pois agora era letra minúscula. Surgiram então os protestos:
- (5) – Como?
- (6) – Por quê?
- (7) – Não pode.
- (8) Profª: – Ah! Vamos discutir isto.
- (9) Coloquei o trecho no quadro e perguntei porque após alguns travessões não aparecia letra maiúscula. Pedi que observassem e tentassem explicar o que acontecia.
- (10) Adann: – O livro está errado.
- (11) Fernanda: – A editora não cuidou direito da revisão.
- (12) Danielle: – Acho que é outra coisa, não sei o quê, mas acho que está certo.
- (13) Fernanda: – É porque é como se fosse aspas. O travessão está no lugar das aspas.

- (14) Danielle: – Ali o touro fala e entra o escritor. O nome... como é que é mesmo?... Ah, narrador! Explica que é o touro. Não mudou pro mosquito. É a mesma frase, não precisa de letra maiúscula.
- (15) Lucas: – O primeiro tem porque é início de frase, depois o touro fala e entra o escritor, mas aí corta no meio para explicar pro leitor que é o touro que está falando, senão o leitor se confunde. Como aparece no meio da mesma frase do touro falando, aparece um travessão para o escritor explicar que é o touro e outro travessão para o touro continuar falando, mas não precisa maiúscula porque não mudou de frase, é o touro que está falando ainda, só teve um corte para explicar quem fala. Sem o narrador explicar, fica difícil o leitor entender quem falou.
- (16) Profª – E poderia essa explicação estar no final? Assim: Para falar a verdade eu nem notei a sua presença, respondeu o touro.
- (17) Pensam e dizem: "Sim."
- (18) Lucas: – Mas no meio se entende melhor, porque explica logo.
- (19) Danielle: – O autor colocou ali no meio porque combina melhor.
- (20) Lucas: – No final fica meio estranho de entender. Por isso, o autor prefere colocar no meio.
- (21) Fernanda: – Fica mais ajeitado.

A informação de que após um travessão não será colocada a letra maiúscula (L4) provoca um conflito cognitivo. Inicialmente tentam compensar buscando justificativas que apontam para erros de outros e não deles: erros de edição.

Danielle (L12) diz achar que está certo, mas não sabe explicar o porquê. A fala de Danielle faz com que Fernanda (L13) modifique sua hipótese inicial, de erro de revisão, e diga que o travessão está no lugar das aspas. Com a afirmação de Fernanda, Danielle (L14) ressalta que o narrador está explicando que o touro é quem fala e conclui que por estar na mesma frase não precisa letra maiúscula. Lucas (L15) explica a formulação de Danielle com detalhes, apresenta a idéia de um corte na fala do touro pelo narrador, justificando que é para o leitor não se confundir. Lucas demonstra já saber que a pontuação está a serviço do leitor.

A professora, diante dessas afirmações, introduz um novo desafio (L16): uma outra forma de ordenar a frase. A turma concorda que é possível, mas Lucas defende a opção do autor, em função do que acredita ser melhor para o leitor (L18). Danielle destaca a opção

do autor pela melhor estruturação do texto (L19). Lucas retoma o entendimento do leitor (L20) e Fernanda (L 21) que tinha uma idéia inicial de erro de revisão, no processo de discussão reelabora sua hipótese e conclui – apontando para a estrutura do texto – *fica mais ajeitado*.

As reflexões dos alunos evoluem buscando colocar a pontuação a serviço da compreensão e portanto a serviço do leitor.

É possível observar nessa situação a importância do diálogo estabelecido entre os alunos e o fundamental papel da professora enquanto mediadora do processo de aprendizagem. Ao provocar a reflexão, desafia a turma a buscar novas formulações. Há uma audiência, tanto por parte da professora como por parte da turma. A observação de cada criança interfere na formulação da outra. As falas são confrontadas e se reformulam. O processo de interação favorece uma maior aproximação em direção ao conhecimento, permitindo avanços através da ação reflexiva, ao mesmo tempo, individual e coletiva.

É importante portanto considerar na ação pedagógica o quanto a explicação de uma criança é significativa para a aprendizagem da outra, mas até que ponto a prática nas escolas assegura tempo ao professor para ouvir seus alunos e deixá-los se ouvirem?

A escola ao negar a voz aos alunos, ou ignorá-la, perde a oportunidade de encontrar pistas para compreender o que e como pensam.

Além disso, tradicionalmente o ensino da pontuação é feito através de exercícios com frases desconectadas de um texto. No único modelo de texto apresentado (típico das cartilhas) especialmente às classes de alfabetização e primeiras séries, cada linha inicia com letra maiúscula e termina com ponto pois geralmente possuem frases curtas.

Na tentativa de facilitar, muitas vezes, a escola dificulta o processo de aprendizagem. Parece ser fácil pontuar quando a única tarefa é colocar um sinal no fim de cada linha, mas será, também, fácil pontuar as diferentes modalidades textuais através das quais a língua escrita realmente se apresenta?

Certamente as dificuldades serão maiores para “escritores mirins” que produzem histórias, notícias, textos científicos, propagandas, panfletos, anúncios, cartas e outros tantos tipos de textos. Eles cometerão erros, provavelmente “erros inteligentes”, mas a variedade e riqueza de seus acertos serão maiores e extremamente significativos.

Nesse sentido, os erros dos alunos são “aliados” do professor ao demonstrar como eles pensam e ao “empurrá-los” para níveis mais elevados de conhecimento.

Analisando a pontuação da fábula: “A lebre e a tartaruga”.

[...]

Pedro: – Quando o narrador acaba de falar coloca dois pontos e onde o personagem vai falar coloca travessão.

Miguel: – Dois pontos significa que um personagem vai falar. Quando for o narrador que vai falar põe travessão, quando muda de um personagem para outro coloca dois pontos.

Profª: – Miguel observe bem o que ocorre no texto. Combina com a sua idéia? Tem alguma parte no texto que você pode usar para ilustrar sua explicação?

(Miguel observa atentamente o texto)

Miguel: – Minha observação tava errada porque o narrador tá falando e depois tem dois pontos. (apontando o texto)

Pedro: – Então minha idéia estava certa.

Miguel: – Só que é depois do narrador. Eu fiz a primeira teoria que eu pensei que depois do narrador para ir ao personagem colocava o travessão e de um personagem para o outro era dois pontos.

Os alunos podem ter boas oportunidades de reflexão ao observarem a pontuação utilizada por diferentes escritores, assim como experimentá-la nos textos que produzem.

Expostos à língua escrita em sua integridade desenvolvem idéias sobre a função da pontuação, bem semelhantes à explicação convencional, antes mesmo de saberem utilizá-la. Portanto, não é necessário retalhar a língua escrita para ensinar a pontuar.

As respostas apresentadas pelos alunos, nesse contexto, sugerem que para eles a pontuação é um elemento facilitador da compreensão do texto, mesmo quando ainda não dominam seu uso.

Este estudo aponta para a necessidade do professor incorporar efetivamente à prática pedagógica as explicações dos alunos como objetos de investigações, dando-lhes real importância através da audiência e da disponibilidade de tempo para o debate.

Referências bibliográficas

DACANAL, J. H. *A pontuação – teoria e prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

—; MOREIRA, N. R.; HIDALGO, I. G. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever. Estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*. São Paulo: Ática, 1996.